

A BATALHA

Alves Ferreira — pau para toda a obra — ao serviço dos baixos interesses monárquicos, no tempo da monarquia, e dos baixos interesses monárquico-republicanos, em plena república

O sr. Waterlow, da casa Waterlow & Sons de Londres, deu ontem recepção na Avenida Palace, aos representantes da imprensa. Tanto aquele industrial, membro da Câmara dos Lords, como os seus secretários foram duma amabilidade cativante para com todos os jornalistas. Ofereceram-lhes vinho que era bom e louros cigarros ingleses, que eram deliciosos. Mas se o vinho e os cigarros e a amabilidade são coisas excelentes, melhores seriam as declarações do sr. Waterlow, sócio principal da casa Waterlow & Sons, de Londres, membro da Câmara dos Lords. Porém, o sr. Waterlow limitou-se a dizer coisas agradáveis à imprensa portuguesa, que agradecemos pela parte que nos toca, e a afirmar que a sua casa é das maiores no género, gozando boa fama e a confiança do Estado inglês, o que já sabemos.

O que ignorávamos era a opinião do sr. Waterlow, acerca das assinaturas do sr. Inocêncio Camacho. Pedimos-lha, mas o ilustre visitante, olhando-nos um momento, como que estranhando a nossa pergunta, limitou-se a responder:

—Sobre esse assunto não posso ter opinião.
Era apenas essa opinião que nos interessava. O sr. Waterlow, que decerto não quer influir nas investigações das autoridades portuguesas, não quis revelá-la. Deixámo-lo, portanto, entregue aos últimos cumprimentos à imprensa portuguesa—e saímos.

Alves Ferreira está à vontade

O dr. Alves Ferreira deve ter suspirado de alívio ao ter conhecimento de que as revelações do sr. Waterlow não passaram de manifestações de simpatia pela imprensa portuguesa. Se o sr. Waterlow falasse, talvez a sua alta reputação de muita gente «que está acima de toda a suspeita» e por cuja honestidade o juiz investigador vela, andasse pelas ruas da amargura...

As coisas vão-se concertando em harmonia com os superiores interesses da nação, isto é, com os do Banco de Portugal e os do governo. O dr. Alves Ferreira, que meteu, por ocasião do regicídio, tantos republicanos na cadeia; o dr. Alves Ferreira, cujo espírito servil o dr. Afonso Costa criticou num célebre discurso pronunciado no parlamento, está sózinho em campo. Do que é capaz, nesta situação cômoda, toda a gente de bem o sabe. E se continuarmos folheando o nosso «dossier» acerca do ilustre juiz investigador, melhor as pessoas de bem o ficarão sabendo.

Mais dados biográficos

Quem é o dr. Alves Ferreira, o homem da confiança da república? É o mesmo

que o Partido Republicano Português, pela voz do dr. Afonso Costa, provou ser uma criatura sem moral, sem brio, moldável aos mais tenebrosos interesses.
Respiramos do nosso precioso «dossier», uma carta célebre subscrita pelo sr. F. Grandela e publicada no *Mundo* de 19 de Fevereiro de 1908. Ei-la:

Meu caro França Borges: Deveras surpreendido com a sua notícia de hoje, no *Mundo*, mandei saber do que havia ao escrever, o sr. Ferraz, tendo então conhecimento de que o processo em questão, da invenção exclusiva do juízo de instrução criminal, acusa-me a mim e ao meu querido amigo, o dr. Bernardino Machado, de um homem chamado Lima ter sido encontrado com uma pistola (creio que velha) e uma navalha em forma de punhal... dizendo que esses dois instrumentos de guerra lhe tinham sido fornecidos por nós!...

Para isso dois guardas eram testemunhas!
E fiquei compreendendo o motivo porque, desde Novembro do ano findo, corriam boatos aterradores, para mim, do meu sequestro do convívio ameno makaveliano e do público estilhado...

Como tudo isto é fantástico!
Milagrosamente escapei das garras do sr. Alves Ferreira, às ordens do sicário João Franco, que, meses antes, me elogiava em cartas, chamando-me homem de ordem e adjectivos bonitos, quasi tão bonitos como as que dirigia ao sr. João Saraiva, ex-governador civil da invicta... quando o osculava.

Creio que chegaram a recomendar-me para «Timor», não completando o cúmulo porque o antecessor do sr. Alves Ferreira, o sr. juiz Veiga, não concordou com a classificação que me queriam dar...

O sr. Alves Ferreira concordou... Honra, pois, ao ínclito varão!

Ora, pois, meu caro amigo, paciência...
Estareim cinco milhões de habitantes dum país sujeitos a tal calamidade, sem das alturas cair um raio que os confundisse!

Pregunto eu agora: e então as cousas ficam assim, sem se pedir a responsabilidade de tais alevisias, tão cobardemente atiradas à cara dos cidadãos ordeiros e úteis, como os atingidos?

Como por esse mundo se encontram homens que ainda se prestam a tais papeis?

Realmente a barriga não vale tanto...
Pior do que a inquisição, foi o negro período da seita *talassa*, de odiosa e *richofalesca* memória.

E o meu caro França que sofreu os horrores do cárcere só por ser o proprietário do *Mundo*, onde tantas centenas de famílias tiram o pão diário, muita sorte ainda teve, bem como nós, em não termos sido vítimas, como o pobre Braga, o estudante Arcanjo e o pobre João Costa das balas homicidas que nos deviam proteger...

Do mal o menos!
Desculpe-me o desabafo, e creia-me amigo dedicado—F. Grandela.

Alves Ferreira está procedendo como por ocasião do regicídio, exercendo vinganças pessoais, baralhando tudo, confundindo tudo, abafando a verdade, desviando as suspeitas que peçam sobre os grandes culpados que a opinião pública já conhece. Ele que é pau para toda a obra.

Sabemos já que a justiça exercida pelo homem que foi desautorizado pelos mesmos que hoje o aproveitam para servir os seus interesses inconfessáveis apresentará dentro em pouco o aspecto duma charada para ninguém compreender.

Mas pouco nos importam as conclusões a que o dr. Alves Ferreira chegará. Elas não nos merecerão confiança. Enquanto o juiz investigar por um lado para desvirtuar a verdade, iremos nós investigando por outro para descobri-la.

Em breve iniciaremos a história pormenorizada e completa da campanha do *Seculo*. Ela tudo esclarecerá. No dia em que se trouxerem a público os *bas-fonds* do órgão das forças vivas não restarão mais dúvidas sobre os interesses inconfessáveis que se ocultam sob este caso do Angola e Metrópole.

Deixemos o dr. Alves Ferreira investigar para lançar poeira nos olhos do povo. Nós saberemos limpar a poeira para o povo ver melhor e claro.

As 8 horas de trabalho

É curioso assinalar que, no momento em que se fala de crise de trabalho que lançou na miséria muitos trabalhadores, ainda existe quem explore operários, a ponto de o fazer trabalhar 10 e 12 horas por dia. E não se julgue que essas infrações ao horário de trabalho são praticadas por um ou outro industrial mais ganancioso que constitua uma excepção na actividade industrial.

A-pesar-de tantas lutas, de tantos protestos, de tantas greves e de tantos esforços dispendidos ainda em muitos pontos do país há operários que só de ouvirem falar aos outros sabem que as 8 horas de trabalho são uma das mais importantes conquistas das classes trabalhadoras. Paralelamente, aos movimentos realizados pelas classes proletárias e devido a eles existe uma lei que determina o dia de 8 horas de trabalho. Escusado será dizer que a lei não conseguiu implantar no país esse regime de trabalho reivindicado pertinamente pela organização operária, porque as leis só são cumpridas pelos interessados e os patrões só têm, perante eles, um único desejo: torná-la letra morta.

Não vamos entrar novamente na defesa das 8 horas de trabalho, tanto mais que exceptuando uma ou outra arremetida isolada ninguém ousa já atacá-las. Os seus inimigos, incluindo os mais implacáveis, sabem que é tempo perdido o fazerem objurgatorias contra essa regalia operária, dissimulando a sua hostilidade sob a declaração de que em princípio estão de acordo com elas, mas na prática já as coisas mudam de aspecto; na prática entendem que é preciso aguardar uma oportunidade propícia ao seu estabelecimento; oportunidade que nunca chegará, nem mesmo no longínquo ano 2000, se os operários se não colocassem abertamente naquele caminho resolutivo que esmagava todas as resistências sejam elas cínicas ou violentas.

Se as vantagens que as 8 horas de trabalho ofereciam em épocas normais eram grandes, agora, no anormal momento que atravessamos, ainda são maiores. Atravessa-se uma crise e para o seu agramentamento contribui em grande parte o prolongamento demasiado do dia de trabalho. Pois se as 8 horas de trabalho já provocaram a crise, as 10 e as 12 horas só podem agravá-la consideravelmente. E ainda há operários, ainda há muitos operários que mesmo neste funesto período económico que trabalham diariamente 2 e 4 horas mais do que as que deviam trabalhar.

Esses operários, que traem uma das mais importantes reivindicações de classe, esquecem-se e lamentavelmente de que se estão prejudicando a si mesmos. O seu labor excessivo, além de os depauperar fisicamente contribui para os lançar a breve trecho na miséria. O despeendimento em massa surge, em consequência da sua excessiva actividade, e a fome torna-se uma realidade apavorante. E sucede ainda que se a sua situação material se

Notas & Comentários

«Renovação»

Apresenta-se interessante o número desta revista de horizontes sociais, que hoje se publica. A personalidade de Jourde, o financeiro da Comunha, o homem que, senhor de um milhão e terror dos banqueiros, apenas tinha dois francos para jantar, é traçada por Rocha Martins com extraordinário relevo. Ao lado de Jourde, a excelente revista dá-nos o traço sumário, mas expressivo, dessa estranha e inquebrantável figura revolucionária que se chamou Luís Michel. As superstições são vivamente criticadas por Ladislau Batalha, que justamente as considera testemunhos do grande atraso mental da sociedade. Eduardo Frias traça-nos com brilho literário duas figuras anónimas e miseráveis, perdidas no egoísmo da cidade. O culto dos mortos é fortemente atacado, salientando-se a inutilidade dos cemitérios e o perigo da putrefacção de cadáveres, e advogando-se o forno crematório como um aspecto de civilização e progresso social. A acompanhar esta variedade de assunto, numerosas gravuras se espalham por todas as páginas, tendo Stuart Carvalhal ilustrado magnificamente a capa. *Renovação* deve ser lida e recomendada por quantos se interessam pela cultura do espírito.

Um hidrofobo

Há um homem em Aveiro que tem as visceras estragadas e as suas doenças que são muitas alimentam-se os seus ódios que são poucos. Esse triste caso de furiosa, mas a-pesar-de tudo inofensiva, epilepsia força-o a atirar-se a tudo e todos sem estabelecer distinções, tal qual um cão atacado de raiva que morde no primeiro que lhe aparece. Depois de ter epilepticamente atacado a monarquia e todos os monárquicos, a república e todos os republicanos, o socialismo e todos os socialistas resolveu atacar as ideias avançadas e todos os que dela compartilham. Para isso fundou a «Legião Branca» paródia à Legião Vermelha, conseguindo com isso realizar a congregação de meia dúzia de idiotas que, com suas cotas, sustentam a meia dúzia de vaidades.

Não tardarão, porém, muitos dias que o mesmíssimo Homem Cristo se torne num inimigo fidalga da grotesca agremiação que fundou. Isso está no seu feitio que nunca o deixou ter uma convicção e o forçou a ser sempre um hidrofobo incurável.

A moral deles

Em estas ocasiões—quando estão em risco as grandes negociações—que bem se aprecia a moral burguesa. Neste caso do Angola e Metrópole o espectáculo tem sido elucidativo e concluinte. Quem defende os interesses inconfessáveis do Banco de Portugal é recto, honesto e insuspeito—quem se atreve a tocar nos criminosos do Banco de Portugal é doído, vendido ou suspeito. Pinto de Magalhães que pôs o dedo na ferida, que quis prender os insuspeitos dirigentes do referido Banco ainda há de ir parar à cadeia. Por vontade dos ladrões e falsários que nos governam e roubam já estaria presa toda a gente de bem.

Os professores ingleses pronunciavam-se pela luta de classes

No congresso de professores ingleses, reunido em Londres nos últimos dias do ano findo, uma forte maioria pronunciou-se francamente pela luta de classes. A adesão à Associação Internacional do Ensino foi votada em meio de intenso entusiasmo, sendo entoad, nesse momento, a *Internacional*. Os professores ingleses fazem actualmente uma viva campanha contra as reduções do fundo orçamental da Instrução Pública, as quais vêm afectar a situação económica do professorado.

torna trágica, a sua situação moral não pode deixar de ser vergonhosa. E' que esse operário foi o autor da sua própria miséria.

Que atentem nisto todos os que, neste momento, estão traíndo as 8 horas de trabalho

Como a fuga dum prêso do Monsanto é aproveitada pela polícia para se sobrepôr ao poder judicial

Há coisas que chegam a tornar-se encantadoras pelo enorme ridículo que encerram. Está nestes casos a situação sempre discutida dos presos sociais. Depois da atoarda dos atentados cuja prova jurídica não há maneira de se encontrar nos autos, vieram os clamores contra a transferência dos presos para Monsanto. É fácil de se perceber a razão. A polícia chegou a ter foros absolutos de um quarto poder contra os outros três sobre os quais, exclusivamente, a nossa Constituição faz assentar a Soberania Nacional. Alcançou esse predomínio, contra todas as leis em vigor, tão somente porque acima da obra legislativa, das observâncias legais, se coloca, neste país e malavisadamente, a cobardia de muitos que é afinal a base da valentia de outros tantos.

Os presos sociais forneceram à polícia a pedra de toque para tamanha valor e deles se fez e se quer fazer, assim, o necessário cavalo de batalha. Sem eles, visto que a eles tudo se atribuiu... não pôde haver perigo para a sociedade e em defesa (?) dessa mesma sociedade convém mostrar ao sossego, a tranquilidade pública, a chamada paz podre, se devem apenas à acção policial.

Se tal não suceder a polícia não poderá invocar trabalhos rocambolescos nem dará aos governos motivo constante para desusados louvores consignados em folha de serviço. Ora isso representa positivamente a sua morte e não lhe agrada.

É essa a razão e só essa que a leva a julgar indispensável o regresso daqueles prêsos às esquadrões em que estiveram...

O resto é uma linda canção para adormecer crânias, como vamos demonstrar com a força indiscutível e inofensível da lógica. Dizem que urge limpar o continente afastando os «indesejáveis» para a Guiné ou tendo-os às ordens da polícia?

Como se compreende então que tendo havido recentemente uma greve no ultramar, o melhor sítio escolhido para auxiliar os «indesejáveis» de lá foi precisamente... a metrópole? Então isto de «indesejáveis» e de «ordem social» não passa de uma simples marca de quadrilha na qual a polícia desempenha o papel de mestre de sala?

Então a metrópole serve para alojar os de lá e não os de cá, e vice-versa, como se a ordem pública não fosse uma só? E' deveras curioso.

Mas há mais. Porque fugiu um dos «elegionários», Hilário Gonçalves, que afirmam já e positivamente ser um dos agressores do comandante da polícia (isto antes do julgamento...) permite-se a mesma fardada fazer ver ao chefe do governo, segundo diz a imprensa, que é de toda a vantagem ficarem os presos sociais nas esquadrões. Serve de base para tão ousada intervenção policial em esferas judiciais que não lhe competem o pretensio facto de Monsanto não oferecer segurança.

Mas nesse caso quando um «forte» não é forte quer uma simples esquadrão policial ser menos fraco do que aquele? Já é vaidade. E, depois, devemos ver, antes de mais nada, que os presos já foram pronunciados, que na polícia só podem estar, quando muito, oito dias sem culpa formada e, uma vez entregues em juízo, como o foram, é aos tribunais que compete a sua detenção e a mais ninguém.

Se houve uma fuga e há probabilidades de mais, porque não se fala em reforçar as grades do carcere, em dobrar as sentinelas, em duplicar, ou mesmo centuplicar a vigilância? Isso é que seria natural e não fala r

O Brasil visto através da sua religião e das suas revoluções

Sim meu irmão: tudo o que me dizias acerca do teu Brasil tão pobre de ideias, e tão rico de credências, compreendo-o e sinto-o, porque neste jardim da Europa também o mal de que sofremos se assemelha aquele de que te queixas! Não há muitos anos ainda que nós apontávamos a tua terra como um feudo de Roma, que nos ríamos de topar em cada página das vossas revistas e magazines os numerosos ministros de Cristo que por aí vegetam, que profundamente nos revoltávamos por não haver reil-não alguma em que a máquina fotográfica não colhesse a mancha asquerosa do Arcverde ou qualquer outro dos pandilhais sagrados que esse miserável povo alimenta.

A falta de rasgo, a ausência completa de energia e persistência desse desgraçado povo a que a canção pesada das religiões não deixa apurar a cerviz, causavam-nos o maior espanto e nós, agüerridos como eramos, não podíamos sequer admitir que eternamente durasse apatia tão depauperante, que para sempre vos enterraissem na lama do ódio correr que tão maus frutos vos deu e... dar!

Dolorosamente te referes na tua carta última à falta de imprensa popular e sentidamente lamentas a morte de «A Plebe», a «Ronda» e outros defensores das liberdades com tanto custo conquistadas pelo espelhado povo dessas paragens. A imprensa burguesa, dize-lo tu, tem aí o privilégio de monitora da opinião pública e não tendo quem a combata, é senhora absoluta da praça que sem sangue conquistou. Nas suas páginas não encontras tu, nem aqueles que te são irmãos no sentir, a honestidade de conceitos, a profundidade de opiniões que são de exigir das... alavancas do progresso. E no que diz respeito a polémicas jornalísticas sobre assuntos de proveito geral, conferências científicas ou outras manifestações de provado valor intelectual, informas também, há a mais completa ausência. Estás aí há 10 anos e nunca viste um único começo só porque... nunca os houve.

Também por aqui sentimos os mesmos males. Também a nossa imprensa que as «forças vivas» abdicam, que paga por elas vive, é a orientadora fulminante de todos os assuntos que lhe possam lesar as alibei-ras quando conduzidos com verdade. Também nós sentimos a falta de jornais a cujas páginas possamos recorrer em procura de luz, da verdade, da beleza sem mácula da sciência redentora! Se uma ou outra vez a voz dos tribunos se levanta, a bradar o seu anatema a esta miserável sociedade em que nos atascamos, essa voz é logo sufocada pelo ronco alti-sonante da Ordem e aí daqueles que num rasgo de audácia tentarem meter nos eixos esta caranguejola desconjuntada!

Dizes-me tu que, para salvar a tua terra da opressão em que vives, só a revolução de São Paulo que aí se fez e que foi afogada em sangue teria poder. Alma de entusiasta, bondoso, não pensaste também em profundar o que sentias e só sabes que na revolução em que entraste se lutava por mais um pouco de liberdade para os humildes, por mais um pouco de bem estar para os que sofrem. Bateste-te, deste todo o teu esforço pela causa que julgavas justa e enebriado pelo prazer do teu protesto, pensas que tudo o que fizeste é... tudo o que tens a fazer. Enganaste! Deixa que o tempo passe. Deixa que o teu entusiasmo se apague e pensa um pouco.

Tu foste lutar porque? Porque sentias que a alta finança e os seus apaniguados oprimem sem cessar aqueles que lhe tole-ram o mando. Mas ingenuamente julgas que mudando os mandões conseguirias mudar a face das coisas, que acabarias por sempre com os sofrimentos do oprimido, do humilde. Engano profundo! Quando tivesses vencido a tua revolução, meu caro, terias de trabalhar por outra, para depor aqueles que tivesses eleito e que chegados lá acima te tratariam como os anteriores te trataram. Desengana-te. Enquanto houver quem nos dê ordens, quem cuide dos nossos interesses tão desinteressadamente como os políticos e os governantes... seremos sempre escravos. A Anarquia acabará com todos os opressores. Luta por Ela!

LIBERTUS

O APOIO À CAMPANHA DE A BATALHA

A direcção da Associação de Classe dos Compositores Tipográficos na sua reunião de ontem, apreciando a campanha que o órgão do proletariado português tem sustentado contra a plutocracia financeira, resolveu saudar o seu corpo redactorial pela forma activa e desassombrada como se tem conduzido no ataque travado.

A mesma direcção declara que tendo compilado os livros de inscrição dos seus associados desde a sua constituição não encontrou nenhum com o nome de Rodrigues Mendes.

Na última reunião do conselho federal da Federação das Juventudes Sindicistas foi aprovada uma moção que concluiu assim: O conselho federal saia a Batalha pela campanha que encetou contra o capitalismo e o Estado, e repudia as arremetidas xixotescas dos Pereiras da Rosa, manifestando toda a sua solidariedade moral e material à direcção de A Batalha.

Na última reunião da direcção da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais Civis Portugueses foi apreciada a campanha que A Batalha vem mantendo contra os escândalos dos Bancos, resolvendo dar-lhe todo o seu aplauso e solidariedade.

A secção sindical de Belém do Sindicato Metalúrgico, em sua última assembleia aprovou uma moção com as seguintes conclusões:

1.º—Saudar A Batalha pela sua campanha, iniciando-a a continuar no combate à sociedade capitalista;

2.º—Saudar o camarada director e toda a redacção, manifestando-lhe toda a sua solidariedade.

Na sessão de propaganda sindical do pessoal do Município, realizada em Marvila, foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que o jornal A Batalha iniciou uma campanha activa contra os burões da alta finança;

que o seu director foi enxada pelo «força viva» Pereira da Rosa, explorador do povo;

O pessoal do Município, reunido em sessão magna, saúda no jornal A Batalha o verdadeiro órgão dos explorados e acompanha-a na sua campanha.»

SAI HOJE O N.º 14 DA «RENOVAÇÃO»

SUMÁRIO:

O camarada Jourde, financeiro da Comunha por Rocha Martins, com gravuras

Odisséia de um vagabundo por Eduardo Frias, com gravuras

Os efeitos morais do forno crematório com gravuras

O comércio ambulante Seus aspectos higiénicos e seus aspectos miseráveis e seus aspectos patrios das ilhas com gravuras

Vidas agitadas—Luís Michel com gravura

Superstições em Portugal por Ladislau Batalha

Sonho de uma noite de inverno por Eduardo Frias, ilustração de Rocha Vieira

A nova política económica da Rússia com retratos de Zinoviev, Lenin, Tchitcherine, Rikov, Kalinine e Rakovski

Actualidades O congresso dos Professores Primários—O comício contra os escândalos da alta finança.

O mundo curioso Ensinaamentos úteis aos operários e aos estudantes.

Uma excelente capa de Stuart Carvalhal

16 páginas de texto e cheias de interesse—Numerosas gravuras—A publicação mais barata—Colaboração variada e palpitante de actualidade. PREÇO 1550

UM CONFLITO LAMENTÁVEL

Está ainda insolúvel a questão do Sindicato da C. P. e Federação Ferroviária

O conflito latente entre os actuais dirigentes do Sindicato Ferroviário da C. P. e a Federação Ferroviária, longe de solucionar-se, assumiu um aspecto novo. Propositadamente a Batalha tem deixado livre curso à questão; não por não caracterizá-la de interesse geral e tem caracterizá-la bem definidas mas para que o seu pronunciamento não podesse ser tornado à conta de parti-pri pessoal ou de juízo precipitado.

O novo aspecto do conflito está na atitude que vêm de assumir os sindicatos ferroviários federados, atitude que só por si desvia inteiramente a discussão entre os litigantes do campo pessoal, em que com tanta infelicidade foi colocada, para o campo puramente colectivo.

Já publicamente tem sido afirmado, tanto pelos corpos gerentes da Federação Ferroviária como pelos órgãos corporativos dos sindicatos ferroviários federados, que a origem do conflito não é culpa da classe ferroviária da C. P. mas tão somente dos indivíduos que ora a orientam e que não partilham do espírito revolucionário e de solidariedade que anima o movimento sindical da nossa época. Os elementos directivos do Sindicato da C. P. têm desenvolvido uma acção perniciosamente isoladora a classe da restante organização sindical, enfraqueceram-na entre si e puseram-na de flanco para a Companhia que a explora. Não pode considerar-se, repetimos, inteiramente responsável uma classe pelas distorções que a orientam mal; porém, justo é que essa classe — e especialmente esta de que tratamos de valiosa pelo seu número e pela sua utilidade social — se interesse por si própria, desviando todos quantos se oponham ao seu progressivo bem estar e ao entendimento que por ser indispensável deve existir entre todos os elementos de uma grande família de produtores afins.

Os antecedentes da questão

O fulcro desta questão partiu especialmente do desrespeito por parte dos actuais dirigentes do Sindicato da C. P. às resoluções do 1.º Congresso Ferroviário, em que aquela classe teve um papel primordial, e as resoluções das assembleias subsequentes que apoiaram os trabalhos do referido Congresso.

A comprovar esse desrespeito está o facto de há tempos os dirigentes do Sindicato da C. P., sobrepondo-se à Federação que ajudaram a constituir e sem que a esta dessem o mínimo conhecimento, terem pretendido realizar uma conferência inter-sindical, para o que se dirigiram aos sindicatos de todas as redes ferroviárias, o que lhes valeu serem censurados pelo Conselho Federal. E o expediente trocado sobre este assunto entre a Federação e o Sindicato que serve agora de justificação à atitude incoerente que este assumiu.

Mas, refilamos: que poderia interessar o Sindicato da C. P. com esta injustificada invasão de atribuições? Porventura aos seus orientadores faltam-lhe assuntos de ordem interna, de interesse para a sua tão escravizada classe, a que devam atender?

Ora o incidente entre a Federação e o Sindicato deu-se em 1924 na gerência de uma outra comissão administrativa, porque o aproveitaram, pois, os actuais corpos directivos, para a sua campanha defecista?

Uma campanha defecista

Resalta de tudo isto o propósito de esportar a acção federal. Mas, a comprovar esta asserção há mais: No Conselho Federal, a maioria dos delegados do Sindicato da C. P. deram-se a querer contribuir com uma cotização inferior à estabelecida, muito embora cobrando sempre da sua classe a percentagem correspondente aos en-

cargos federativos. Muito logicamente o Conselho repudiou tal pretensão, o que mais exacerbou a já demonstrada má vontade dos referidos delegados, que desde então, com uma verdadeira fobia, irromperam num ataque infame, em manifestos e no *Ferroviário*, à Federação e seus mais activos elementos.

Convidados várias vezes a concretizar no Conselho Federal as suas acusações, escusavam-se a explicações, prosseguindo o seu órgão corporativo no ataque, não poupando por vezes a própria C. G. T. e a Batalha.

Repentinamente, há uns oito meses, os referidos delegados abandonaram o Conselho e desde então, a pesar de continuarem a cobrar da classe a cota federal não mais contribuíram para a Federação, o que levou esta a convidar aquele organismo a definir uma atitude — cumprir os seus deveres federativos — ou desfederar-se.

Influenciados pela corrente divisionista que surgiu do seio da organização operária, os corpos gerentes do Sindicato da C. P. puseram-se em «suspensão de relações»; não responderam à consulta da Federação, prosseguiram na sua campanha desagregadora e repetiram a acção dos seus antecessores de 1924, tentando num trabalho rasteiro efectuar sessões nas delegações da linha para canalizar o espírito da classe para uma atitude de rebeldia contra a Federação.

Informada a Federação do que se ia contra si tramando, enviou delegados a essas sessões a fim de exporem a verdade dos factos. Daí resultou que os delegados do Sindicato da C. P. não foram capazes de confirmar as suas acusações e a classe, reconhecendo que a Federação assistia a factos, foram-lhe dando todo o apoio, convidando os seus corpos directivos a reatar as relações que tão atribuladamente tinham suspenso. Este facto mais exasperou os discordantes da Federação, os quais, num suplemento a *O Ferroviário*, extravassaram toda a sua cólera contra a Federação, atacando especialmente todos os camaradas que mais intensamente a têm defendido.

A atitude da imprensa ferroviária

E é este o estado do conflito, acrescido das atitudes assumidas pelos restantes sindicatos federados, como pode constatar-se pelos últimos números dos seus órgãos *O Rápido*, *A União Ferroviária* e *O Sul e Sueste*, que são duma clareza absoluta nas acusações que formulam, oferecendo todo o apoio à Federação.

Os ferroviários da C. P. começam por sua vez a ver claro a questão que os dirigentes do Sindicato propositadamente emaranharam. O trabalho de divulgação da verdade prossegue por parte da Federação, a qual leva a sua propaganda até ao procurar criar naquela classe uma boa consciência sindical, importante trabalho de que se não têm ocupado os dirigentes do Sindicato da C. P.

Neste momento, pelos órgãos corporativos que temos em frente, constatamos que a Federação Ferroviária é apoiada largamente pelos sindicatos seus aderentes, o que arreda todo o aspecto pessoal que se pretendia dar de início ao conflito.

O momento que passa é de unificação e toda a obra que em contrário se faça ou é inconsciente ou criminosa. A classe ferroviária da C. P., é uma das mais escravizadas. Isolá-la é conduzi-la a um estado de auto-destruição. Por isso a Batalha faz votos para que, no interesse de toda a família ferroviária e de toda a organização operária, este conflito tenha breve solução, restabelecendo-se os laços de solidariedade entre os ferroviários da C. P. e os ferroviários de todas as linhas.

O sindicato dos operários da Vidraça da Marinha Grande ameaçado de morte por políticos e seus cúmplices

Recebemos a seguinte carta cuja publicação nos é pedida:

Sr. Director: — Mãos amigas acabam de me mostrar a *Batalha* do dia 8, em que o sr. Alves de Freitas me faz descaídas referências num artigo sob a epigrafe supra. O tempo é precioso. Não posso perdê-lo com discussões de assuntos que não me interessam e só aos viciadores devem preocupar. No entanto permita V. que no vosso jornal faça as seguintes declarações: no simples intuito de esclarecer aqueles viciadores que possam supor que sou ou pretendo ser o «muneur» da sua Associação:

1.ª Nunca tive relações de qualquer natureza com a Associação dos Vidreiros, nem com qualquer dos seus membros traideiros de assuntos que a ela se refiram, salvo aquilo a que faço referência nas declarações seguintes:

2.ª Em 1923, em vésperas da Nacional Fábria de Vidros ser vendida, organizei um projecto tendente a torná-la útil a toda a população desta terra, e em especial ao operário vidreiro. Porque alguns manipuladores de vidraça tivessem interesse em conhecer o referido projecto, alguns deles em número de doze dos mais cotados, (entre eles o sr. Alves de Freitas) reuniram em minha casa para esse fim.

A propósito dessa grande obra que pretendia realizar, tão grande que muitos não souberam compreendê-la, registei com prazer o apoio que então recebi de *A Batalha*.

Ainda hoje, sr. Director, é a solução indicada para aquele velho estabelecimento fabril doado à Nação, mas não serei eu quem tome essa iniciativa nem tão pouco quem colabore nessa grande obra. O projecto foi impresso e largamente distribuído. Os vindouros lhe farão justiça.

3.ª Há cerca de 3 ou 4 semanas fui procurado por duas das mais consideradas figuras da Associação dos Manipuladores de Cilindros de Vidraça, que me fizeram esta pergunta:

«A Associação governava-se por uns estatutos ultimamente alterados ou substituídos quasi totalmente. A nova redacção ainda não foi aprovada pelo Ministério do Trabalho. Por qual nos devemos legalmente governar?»

Formulada e pergunta nestes termos respondi; bem ou mal conforme a minha consciência dizendo:

«Não sei se alguma disposição regulamentar regula o assunto.

Se não houver, em analogia com o critério seguido para casos identicos, os novos estatutos só devem ter applicação depois de legalmente aprovados.»

A isto me limitei, sem procurar agradar a A ou B sem mesmo querer saber se os primeiros ou segundos têm *Presidente ou Secretário Geral*.

4.ª Quanto ao Sindicato dos Vidreiros ser ou deixar de ser sucursal do P. R. P. nada tenho que ver, pois não sou vidreiro nem tenho qualquer função directiva naquelle partido onde milito como simples soldado.

Sobre o epíteto de *político-mór* com que o sr. Alves de Freitas entendeu mimosar-me apenas direi:

«Se *político-mór* é ser trabalhador constante e o mais denodado defensor dos interesses deste Conselho eu devo ser essa coisa que ele me chama, se não é, então não sou.

Resta-me agora afirmar a convicção de que o sr. Alves de Freitas escreveu o seu artigo sob a impressão de informações falsas que daqui lhe enviaram.

Quem foi não me interessa tão pouco saber. Agradecendo a V. a publicação destas linhas, mais extensas do que era o meu desejo, sou com consideração.

Marinha Grande, 11-1-1926.

De V. etc. — Jaime de Almeida Coutinho

Uma derrota dos mineiros belgas

O plebiscito feito aos mineiros belgas deu um resultado desastroso, pois a maioria votou por uma redução de salários de três por cento. Este resultado deve tornar-se um ensinamento para a classe operária: só com a sua energia na luta revolucionária, repudiando transigências e conselhos de falsos amigos, atirando para longe chefes políticos que apenas querem engordar, e empregando a acção directa das reivindicações económicas, os trabalhadores sabão conquistar a posição que a vida lhes oferece.

Numa grande comunhão de sentimentos, socialistas e burgueses — uns e outros da mesma raça — lamentaram a grave crise que atravessa a indústria mineira da Bélgica, como se, em qualquer ponto do mundo, a miséria e a servidão do operariado pudessem compadecer-se da incompetência e da ganância do capitalismo. E com tais lamentações levaram os bisonhos mineiros a assistir uma redução do seu salário, renunciando, sob a pressão dos reformistas e dos procuradores do patronato, a toda a declaração de greve.

Eis os resultados obtidos no plebiscito: votos nulos, 615; pela diminuição de 5 por cento, 818; pela declaração de greve, 15.976; pela redução de 3 por cento, 23.555. Afirma-se que o patronato, gosando deste triunfo e seguro da venalidade dos chefes políticos imiscuidos no movimento operário, vão tentar uma ofensiva mais vasta contra as condições de trabalho e de salário que disfrutam os trabalhadores.

Em fim, o vírus político, pelo que se vê, inoculando-se na classe operária, amortece-lhe por completo a combatividade. E este facto torna-se razão poderosa para que a classe operária repudie toda a táctica política, disfarçada ou declarada, vermelha ou amarela, que lhe fale ao coração...

Almanaque de «A Batalha»

192 páginas com muitas gravuras, preço 500.

A GREVE DOS FERROVIÁRIOS DE LOURENÇO MARQUES

Os deportados do Alto Comissário de Moçambique devem chegar amanhã a Lisboa

A greve dos ferroviários de Lourenço Marques traz vivamente apaixonada a opinião pública. A iniqua medida do Alto Comissário de Moçambique fazendo «deportar» para a Metrópole dez ferroviários, alguns com mais de 30 anos de serviço, causou um movimento de justa repulsa ao qual se associaram entusiasticamente os organismos ferroviários, especialmente a Federação Ferroviária.

Como se aproxima o dia da chegada do «Lourenço Marques», que, segundo os melhores cálculos deve entrar amanhã no Tejo, os organismos acima referidos preparam-se para que aos ferroviários deportados seja feita uma manifestação de simpatia que será ao mesmo tempo uma manifestação de protesto contra a arbitrária medida do sr. Azevedo Coutinho.

Os convites que abaixo inserimos são bem expressivos dos desejos desses organismos, cuja única preocupação neste momento é prestar às vítimas toda a assistência de que elas carecem.

Um apelo da Federação Ferroviária

A comissão executiva da Federação Ferroviária dirigiu a todos os ferroviários o seguinte apelo:

«E do conhecimento de todos a formidável luta que os ferroviários de Lourenço Marques vêm sustentando pela defesa de regalias e direitos conquistados por muitos anos e que uma nova reorganização pretendida os cercear.

Obrigados a lançarem-se em greve, as nossas camaradas têm-se portado com uma energia e altivez digna da nossa mais leal solidariedade.

Ante as maiores perseguições, as mais torpes violências, o movimento mantém-se. O acto mais tirânico cometido contra os ferroviários de Lourenço Marques é o da deportação de dez dos seus mais dedicados camaradas que vem a caminho de Lisboa e que devem chegar no próximo dia 16.

Que os ferroviários acorram à sua chegada no maior número possível, prestando assim a mais franca solidariedade aos perseguidos sobre as quais pesam tremendas acusações, o que representa uma verdadeira iniquidade, desrespeitando-se mais uma vez a constituição que tanto querem defender.

Saúdam os ferroviários deportados, patenteando à classe de Lourenço Marques toda a nossa estima, simpatia e consideração.

Que todos compareçam ao desembarque dos ferroviários deportados!»

Um convite aos ferroviários do Sul e Sueste

O Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste convida todos os ferroviários que o possam fazer a tomarem parte na manifestação que se pretende levar a efeito amanhã por ocasião da chegada dos nossos camaradas da rede de Lourenço Marques, deportados pelo Alto Comissário por terem activamente sabido defender os seus interesses ameaçados por aquele funcionário.

Um vibrante manifesto das mulheres de Lourenço Marques

Exactamente quando as autoridades de Lourenço Marques faziam ressurgir o vago fantasma, um grupo de mulheres — esposas e filhas dos ferroviários — fez editar um vibrante manifesto que passamos a transcrever integralmente:

«Mulheres! Voltamos ao tempo dos escravos e o governo não cede porque quer que os nossos maridos, pais, filhos ou irmãos voltem para o trabalho escravizado! Já não somos livres e estamos sentenciadas a morrer à fome! Mas desta vez também se enganou o go-

verno porque se eles são os algozes dos oprimidos o nosso nobre gesto os fez recuar porque a sociedade não consente que os nossos maridos se rendam cobardemente debaixo da canga que lhe querem pôr os que mal sabem governar, ajudando-nos tanto na luta e vindo em auxílio das mulheres e filhos dos grevistas!

Mulheres, o que será de nós? Teremos que pedir protecção a outra bandeira? Vemos nisto um «truco», pois que até a nossa bandeira já foi pisada por um chefe de polícia!

A teimosia do governo em não querer ceder ao que lhe pediu a comissão, a renitência em tirar o vago fantasma e que todos se admiram da grande cobardia porque não é outra coisa, a pesar de as senhoras da comissão se terem oferecido para irem no tal vago fantasma e que retirassem os homens para ao menos calar os nossos gritos, mas como eles são senhores absolutos do poder e querem sangue, não cedem porque se gloriem com a maldade, a referida comissão disse-lhes que as mulheres estavam prontas a porem-se (como acima se diz) no vago à frente do comboio, expondo as suas vidas e que havia mulheres que tinham jurado irem deitar-se debaixo da máquina quando passasse e levasse os presos à frente, a resposta do sr. secretário do Interior é que não haviam de morrer todas, isto naturalmente porque julgam que as mulheres não têm coragem.

Talvez se enganem...

Não sabemos aonde querem levar isto, talvez que seja à ponta da espada...

Sabem o que fez um oficial que estava de serviço na estação quando chegou o «vago fantasma»? Uma pobre mãe, senhora de idade, ao ver o seu filho descer daquele deulhe a mão para o ajudar, visto ele vir de longe, e aquele oficial tão condoído estava ao ver a triste scena, que recompensou a dor da pobre mãe com umas pancadas dum pingalim que trazia na mão!!!

Isto é que é ter coração de fera!!!

A que país iremos ter para vergonha nossa, pois não sabemos onde os governantes nos querem entregar!

Mulheres; até ao fim devemos ter coragem, pois temos (salvo meia dúzia de pessoas) todos por nós e deixei vir a tropa armada de baionetas e carabinas, pois morrendo todas o nosso sangue será derramado pelos nossos e ficarão assim os três governantes mais à vontade.

Avante mulheres corajosas!!!

Vivam as mulheres portuguesas!!!

Vivam os nossos defensores e dos nossos!!!

Vivam os nossos homens!!!

Um protesto da C. G. T. contra as deportações

Na reunião do conselho confederal da C. G. T. ontem efectuada, foi aprovada o seguinte protesto:

«O Conselho Confederal, reunido em 14 de Janeiro de 1926, protesta contra o facto de o Alto Comissário de Moçambique ter requisitado o imediato envio de ferroviários alistados no batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, por motivo da greve ferroviária de Lourenço Marques».

Uma saúdação às vítimas do Alto Comissário

O conselho confederal da C. G. T. aprovou também a seguinte saúdação:

«O conselho confederal tomando conhecimento da greve heroica dos nossos camaradas ferroviários de Lourenço Marques e das perseguições despitadas de que foram vítimas por parte da autoridade daquela província, perseguições que vão até à deportação de camaradas grevistas, saúda os trabalhadores dos Caminhos de Ferro e Porto de Lourenço Marques em greve e protesta contra as perseguições de que são vítimas».

Fernandes; vogais, Artur Rodrigues Vidal e Manuel Pedro; Suplentes, José Maria Fernandes e Diogo Baltasar Lopes; Assembleia Geral: 1.º secretário, Camilo Rodrigues Vidal e 2.º Joaquim Torres; suplentes, Mário da Cruz Cabelo e Augusto Fonseca; comissão de melhoramentos profissionais: João Dias de Carvalho, José Maria Fernandes, Camilo Rodrigues Vidal; Ramon Lourenço e José Lopes Lourenço.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Compositores Tipográficos. — A direcção juntamente com o quadro tipográfico de *O Mundo*.

S. U. Construção Civil. — Pelas 20,30 horas, a assembleia geral, para um assunto urgente e de grande interesse profissional.

S. U. do Mobiliário. — Pelas 20,30 horas, a assembleia geral, em segunda convocação, com a ordem de trabalhos já anunciada.

S. U. da Construção Civil. — Secção dos Pedreiros. — Para apreciar a crise de trabalho, leitura do relatório moral e financeiro da Secção e o respectivo parecer da comissão revisora de contas, pelas 21 horas precisas, a assembleia geral.

Secção dos Serventes. — Para apreciar a crise de trabalho, preenchimento de cargos vagos, leitura do relatório moral e financeiro da Secção e o respectivo parecer da comissão revisora de contas, pelas 21 horas precisas, a assembleia geral.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. — O conselho central, às 18 horas.

Federação Mobiliária. — Conselho Federal. — As 20,30 horas para um assunto de extrema urgência.

Pintores de Construção Naval e Anexos. — As 20 horas a comissão administrativa para assuntos urgentes.

DIAS PRÓXIMOS:

Carpinteiros Navais. — No próximo domingo, pelas 13 horas, a assembleia geral, para nomeação duma comissão revisora de contas e outros assuntos de importância.

S. U. Metalúrgico. — Na próxima terça-feira, em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Supressão do cargo de secretário geral. 2.º Preenchimento de cargos vagos. 3.º Nomeação do conselho técnico. 4.º Outros assuntos.

Canteiros e Cabouqueiros de Montevideo. — Reúne no próximo domingo, em assembleia geral, para tratar da crise de trabalho, casa da associação e assuntos diversos.

Federação de Calçado, Couros e Peles. — Conselho Federal. — Reúne amanhã pelas 21 horas, para apreciar a seguinte ordem de trabalhos: Relatório financeiro do movimento de 1925; trabalhos realizados contra a importação do calçado estrangeiro, e resolver sobre uma circular da C. G. T.

S. U. Metalúrgico. — Reúne na próxima terça-feira, em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: supressão do cargo de secretário geral, preenchimento de cargos vagos, nomeação do conselho técnico, assuntos vários.

Secção de Belém. — A nova comissão administrativa toma posse na próxima terça-feira.

Pessoa do Município. — No Centro Socialista de Alcântara, rua do Alívio, realiza-se amanhã, às 20,30 horas uma assembleia magna do pessoal do Município. Far-se há representar por delegados a comissão de melhoramentos, propaganda e administrativa.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Juventude Sindicalista do Porto. — Reúne a secção da Carris tendo eleito a comissão administrativa que ficou assim composta: 1.º secretário José dos Santos Pais; 2.º Jacinto Ventura; vogal, José Cardoso e tesoureiro José Pimenta. Delegados à comissão de propaganda do núcleo: Anibal António Ferrão, Frutuoso Gaspar Rodrigues e Manuel de Azevedo. Ficou resolvido efectuar uma sessão de arte na qual serão vendidas fotografias dos falecidos camaradas Luís António de Carvalho e Eugénio Santos Silva.

No final foi aprovado um protesto contra as deportações e prisões sem culpa formada.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Comissão organizadora da secção do Campo de Ourique. — Reúne hoje, pelas 20,30 horas, para assuntos importantes.

Comissão Organizadora do II Congresso. — Reúne esta comissão, tendo resolvido: Convidar os secretários gerais que têm passado pela Federação de 1921 até hoje a apresentarem os seus relatórios; pedir aos camaradas que se encarregaram de elaborar teses para as entregar o mais breve possível a fim de começar a sua publicação; lembrar aos Núcleos para convocar as suas assembleias a fim de nomearem os seus delegados e enviarem os seus nomes com urgência, e assim como as cotas de adesão; aprovou em principio a propaganda a fazer nos Núcleos pró-congresso; apelar para todos os sindicatos do país a fim destes enviarem com a máxima urgência a sua contribuição para a realização do congresso juvenil a fim de não protelar a sua realização. Registou os seguintes donativos: Sindicato Único Metalúrgico de Lisboa, 100; Secção Metalúrgica de Belém, 100; Câmara Sindical de Lisboa, 50; União Textil, 20; Secção da Construção Civil de Belém, 50; Corticeiros de Belém, 20; Sindicato da Construção Civil de Monção, 10.

Secção Telegráfica

Federações

VINÍCOLA

Tanoeiros de Gaia. — Segue hoje expediente; há dúvidas se o aceitam para Gaia. Não aceitando segue para o Porto e pode ser procurado no sábado. Brevemente segue o resto.

MOBILIARIA

Sindicato de Faro. — Recebemos officio. Vamos atender.

Cesteiros de Gonçalo. — Aguardamos resposta ao nosso officio.

CALÇADO, COUROS E PELES

Penafiel. — Associação dos Manufatureiros de Calçado. — O expediente segue 2.ª feira.

Evora. — Idem.

Portimão. — António Franco. — O teu pedido só amanhã tem resposta.

Beja. — António Monteiro. — Idem.

CRISE DE TRABALHO

Pessoal da Parceria dos Vapores Lisboenses

Uma comissão delegada do pessoal da Parceria dos Vapores Lisboenses procurou ontem a comissão administrativa do Sindicato Único Metalúrgico a quem notificou um novo despedimento na referida Parceria. Para apreciar o assunto reúne hoje, às 17,30 horas, o pessoal que está ainda ao serviço e aquele que foi demittido.

Sindicato da Construção Civil de Lisboa

Para tratar da crise de trabalho reúne hoje, em sessão magna, na Secção do Beato e Olivais, o operariado da Construção Civil, daquela área, devendo fazer uso da palavra Alexandre Assis e Alberto Dias.

Uma sessão magna na Secção da Construção Civil de Belém

Reúne em sessão magna o operariado da construção civil de Belém para apreciar a crise de trabalho. Por alguns camaradas foi verberada a atitude do governo e da Câmara Municipal em não atenderem as reclamações da classe sobre crise de trabalho, verberando-se também o indiferentismo de alguns desempregados que não auxiliam a comissão nos seus trabalhos.

Por fim foi aprovada uma moção, apresentada pelo camarada Inácio Marques.

Os operários da Construção Civil de Palma reuniram em sessão magna

Na sede da Secção da Construção Civil de Palma realizou-se ontem uma sessão magna dos operários daquela indústria a fim de ser apreciada a crise de trabalho. Presidiu Quirino Fernandes e secretariaram João dos Reis e Manuel Silva. Em primeiro lugar fez uso da palavra o velho militante da construção civil João Caldeira, que durante largo tempo prendeu a atenção da numerosa assistência com uma larga exposição sobre sindicalismo.

Falaram em seguida os camaradas Quirino Fernandes, António Henriques e Alfredo Lopes.

Por último foi aprovada uma moção de autoria de João Caldeira pela qual os presentes se comprometeram a tomar parte num comício a realizar em breve

AS GREVES

Dos corticeiros da casa Percy Elles

Encontram-se em greve os corticeiros da casa Percy Elles em virtude de quele industrial pretender que os maquinistas fagmam um calibre de rólhas impossível de conseguir-se. Os grevistas reuniram ontem em sessão magna, ficando resolvido que só retomem o trabalho quando seja revogada a ordem do industrial referido.

Foi também resolvido officiar aos corticeiros da casa Estrela por constar que estão trabalhando com os salários reduzidos. Os corticeiros da área de Belém reunem hoje, pelas 18 horas.

Aspectos do movimento operário tchecoslovaco

Na Tchecoslováquia, o movimento operário encontra-se bastante dividido por diferentes influências políticas. Antagonismos de raça alargam ainda mais essa divisão, ou melhor, esse parcelamento. E, como a demonstrar que a desgraça nunca vem só, uma grave crise industrial persegue os operários.

Cada facção politica entende a unidade sindical. Os comunistas entendem-na segundo a senha de Moscovia. Os reformistas opõem-lhe a opinião de Amsterdão. Outros partidos apresentam soluções que apenas interessam à sua conveniência politica. E nenhuma facção politico-sindical se dispõe a resignar o seu interesse particular em favor do interesse económico do operariado.

A luta pela posse de influencia sobre os sindicatos accentua-se mais entre reformistas e comunistas. Estes últimos desenvolvem uma intensa actividade na propaganda de uma desejada conferencia sindical nacional para se conseguir a unidade operária: no partido comunista. Os reformistas desenvolvem não menor actividade em sentido contrario, apregoando as vantagens da unidade dos trabalhadores — ou seja, o englobamento na F. S. I. de Amsterdão. Em fim, estranhos à pugna de interesses facciosos, que não afectam, é sabido, os interesses do capitalismo, os operários só encontram unidade — na crise de trabalho.